

Visibilizando biografias de atletas paralímpicas na disciplina de projeto de vida

Showcasing the biographies of Paralympic athletes in the life project discipline

Juliana Jungs de Almeida
Tainara Rodrigues de Freitas
Angelita Alice Jaeger
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Santa Maria-Brasil

Resumo

Produzimos 18 *storytelling* sobre biografias de mulheres paratletas brasileiras que foram protagonistas e/ou medalhistas nos Jogos Paralímpicos (JP). Em seguida, realizamos uma experiência educacional para analisar o efeito do uso de *storytelling* sobre trajetórias de atletas paralímpicas na inspiração e motivação dos/as estudantes para a construção de projetos de vida, considerando suas potencialidades e desafios sociais e culturais enfrentados. Participaram cinco escolas públicas de uma cidade do interior do RS, atingindo 200 estudantes. A ação desenvolvida consistiu em: introduzir a temática, apresentar 3 a 4 *storytelling*, conduzir uma roda de conversa e concluir a experiência educacional. Os resultados sugerem que o *storytelling* é um recurso potente, já que os/as estudantes, ao conhecerem as biografias das paratletas, sentiram-se encorajados a considerar a continuação de sua formação, enfatizando que diferentes marcadores sociais não sejam limitadores dos seus projetos de vida.

Palavras-chave: Storytelling; Mulheres Atletas; Estudantes; Projeto de Vida

Abstract

We produced 18 *storytelling* pieces about the biographies of Brazilian para-athlete women who were protagonists and/or medalists in the Paralympic Games (PG). Subsequently, we conducted an educational experiment to analyze the effect of using *storytelling* about the trajectories of Paralympic athletes on inspiring and motivating students to construct life projects, considering their potential and the social and cultural challenges they face. Five public schools in a city in the Rio Grande do Sul countryside participated, involving 200 students. The implemented action consisted of introducing the theme, presenting 3 to 4 *storytelling* pieces, conducting a discussion, and concluding the educational experience. The results suggest that *storytelling* is a powerful resource, as students, when exposed to para-athlete biographies, felt encouraged to consider continuing their education, emphasizing that different social markers should not limit their life projects.

Keywords: Storytelling; Female Athletes; Students; Life Project.

1. Introdução

Nos Jogos Paralímpicos (JP) de Pequim 2008, o Brasil foi considerado pela primeira vez uma das 10 maiores potências mundiais no paradesporto, alcançando a 9ª posição. Este resultado mobilizou a expansão de políticas públicas com o objetivo de ampliar as conquistas. No ano seguinte, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) investiu tanto na capacitação de profissionais, através da aproximação com universidades, quanto nas Paraolimpíadas Escolares, com o intuito de identificar potenciais e manter os/as estudantes atletas no esporte. Esses investimentos resultaram na 8ª colocação do Brasil nos JP do Rio em 2016 e na 7ª posição em Tóquio em 2021, a melhor colocação até o momento (Santos *et al.*, 2022).

Apesar da melhoria nas condições gerais do paradesporto no país, a participação das mulheres atletas ainda não está em condições de igualdade com a dos homens. Em Tóquio 2021, o CPB estabeleceu a meta de que 38% da delegação fosse composta por mulheres, resultando em 40,59% da equipe em convocadas (CPB, 2021a). Embora as paratletas se dediquem intensamente ao esporte, rompendo barreiras e desmoronando estereótipos, a grande maioria delas ainda ocupa zonas de visibilidade reduzida no esporte.

Diante desse cenário e imbuídas da vontade de visibilizar os feitos dessas atletas, produzimos 18 *storytelling* para divulgar suas biografias e realizamos uma experiência educacional na disciplina Projeto de Vida. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 472) “o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s)”. A reestruturação do Ensino Médio foi efetiva, apesar de muitas críticas (Jakimiu, 2022; Santos; Gontijo, 2020), e a disciplina de Projeto de Vida também foi alvo de manifestações. Por um lado, corroboramos com o estudo que aponta que essa disciplina tem fortes vinculações com o universo corporativo, uma vez que os currículos escolares foram invadidos por uma lógica empresarial, enfatizando competição, a performance e o delineamento de metas (Silva; Moraes, 2022). Por outro lado, não há como negar a relevância do tema da escolha profissional nessa fase escolar, quando os/as estudantes começam a delinear seus caminhos futuros. As opções de carreira podem ser determinadas por diversos fatores, incluindo preferências pessoais, aspirações individuais, metas de vida e as demandas do mercado de trabalho. Tais escolhas são intrinsecamente vinculadas à trajetória de vida,

circunstâncias socioeconômicas, desempenho escolar, gênero, idade e etnia (Andrade; Teixeira, 2022).

Portanto, ao visibilizar na escola as biografias das mulheres paratletas, enfatizamos a interseccionalidade (Lugones, 2020) para além da deficiência e, consideramos: gênero, classe, etnia, religião, idade e orientação sexual. Quando esses marcadores sociais são destacados nos vídeos, abrem brechas para que aos/as estudantes façam aproximações com as suas histórias de vida. Assim, nesta experiência educacional, objetivamos analisar o efeito do uso de storytelling sobre trajetórias de atletas paralímpicas na inspiração e motivação dos/as estudantes para a construção de projetos de vida, considerando suas potencialidades e desafios sociais e culturais enfrentados.

2. Fundamentação teórica

2.1 Contextualização da deficiência

Historicamente, as pessoas com deficiência foram marginalizadas na sociedade, tendo os seus direitos fundamentais negados (Abreu; Pederiva, 2023). Essa exclusão é denominada capacitismo, uma prática preconceituosa onde as pessoas são hierarquizadas de acordo com a adequação de seus corpos, ou seja, a corponormatividade (Mello, 2014b).

A partir dos anos 60 e 70, surgiu o modelo social da deficiência, que revolucionou as diferentes possibilidades de ser e estar no mundo das pessoas com deficiência, enunciando que as desigualdades só se manifestam em uma sociedade pouco sensível aos diferentes estilos de vida. Essa primeira geração dos estudos sobre deficiência ainda tinha fortes representações do caráter biomédico da deficiência (Diniz, 2007). Como esses primeiros estudos foram produzidos majoritariamente por homens, algumas teóricas feministas apontavam que esses homens eram membros da elite das pessoas com deficiência e, por isso, reproduziam discursos dominantes de gênero e classe na sociedade (Mello; Nuenberg, 2012; Diniz, 2007). Os avanços nas pesquisas são notados na década de 1990, quando as mulheres com deficiência, ancoradas nas teorias feministas, apontaram que o debate entre gênero e deficiência ainda era pouco investigado, sendo que gênero já estava imbricado com outras interseccionalidades, como raça/etnia, idade e classe social. Esse debate resultou na segunda geração dos estudos sobre deficiência e nos estudos feministas da deficiência (Magnabosco; Souza, 2019; Gomes et al., 2019).

Essa geração lançou luz para o fato de que ser uma mulher com deficiência era uma vivência diferente daquela descrita pelos homens com lesão medular (Diniz, 2007), uma vez que as mulheres com deficiência estão em dupla desvantagem em uma sociedade normalizadora e patriarcal, devido a uma complexa discriminação baseada em gênero e deficiência e, conseqüentemente, enfrentam uma situação peculiar de vulnerabilidade (Mello, 2014a; Oliveira; Pavão, 2023). Essas camadas de prejuízos também são encontradas quando as mulheres são colocadas em oposição aos homens e, consideradas o Outro (Butler, 2021), já que encontram menos possibilidades de viver no mundo. Tal conexão se aprofunda quando os olhares focalizam as mulheres negras, que por sua vez, são o Outro do Outro, visto que se encontram em uma posição de mais difícil reciprocidade (Ribeiro, 2019). As mulheres com deficiência também podem ser consideradas o Outro do Outro, já que as experiências da deficiência não são compartilhadas igualmente entre homens e mulheres, e mulheres sem deficiência (Diniz, 2007).

As relações entre gênero e deficiência ganham importância para questionar as categorias identitárias, ampliando as noções de identidade, garantindo mais direitos e políticas públicas para as mulheres com deficiência (Gomes; Lopes, 2017). Da mesma forma que o gênero é culturalmente construído (Butler, 2021), a deficiência também é uma narrativa cultural fabricada no corpo (Gomes et al., 2019), e esse corpo aparece como um meio passivo sobre o qual esses significados culturais são inscritos.

Os estudos feministas da deficiência têm um potencial político importante, pois se posicionar como mulher com deficiência, apenas sob a perspectiva de gênero ou unicamente sob a ótica da deficiência, não possibilita entender o processo de existência como um todo, como afirma Butler:

Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de "gênero" das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (Butler, 2021, p. 21).

A autora sugere entender o gênero como um marcador que não é fixo e está interseccionado com outras singularidades da identidade e entrelaçado com as estruturas

sociais, políticas e culturais. Nesse viés, emerge uma preocupante falta de atenção por parte dos movimentos feministas em compreender a importância da questão da deficiência dentro do movimento das mulheres, da mesma forma, o movimento das pessoas com deficiência parece negligenciar a interseccionalidade de gênero, ignorando como essa perspectiva permeia a trajetória de vida das mulheres que vivem com essa condição (Mello, 2014b). Uma recente pesquisa analisou publicações em uma rede social acerca do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência e evidenciou que mulheres com deficiência reclamam que a deficiência é deixada de fora em vários pressupostos feministas, compreendendo que suas pautas são negligenciadas na luta pelos direitos das mulheres (Oliveira; Cidreira, 2023).

Para o enfrentamento dessa realidade é fundamental estreitar o diálogo entre as mulheres com deficiência e os estudos feministas e mais, ampliar as políticas públicas para que sejam cada vez mais inclusivas, denunciar a invisibilidade das mulheres com deficiência e propor projetos de pesquisa e ações educativas com vistas a tematizar essas questões, onde se insere a experiência educativa aqui relatada.

2.2 Mulheres com deficiência e esporte

Nas práticas corporais e esportivas, a dupla desvantagem das mulheres com deficiência continua acentuada (Krahenbül *et al.*, 2022), pois, assim como o padrão de normalização da condição humana eleito pela modernidade é o sujeito de origem europeia, masculino, branco, cristão, heteronormativo, detentor dos meios de produção e sem deficiência (Pires, 2020), nas práticas corporais e esportivas os corpos masculinos, potencializados, hígidos, saudáveis, magros, sexualizados e sem deficiência tornaram-se centrais na cena contemporânea (Goellner; Jaeger; Figueira, 2011; Figueiredo, 2014), acentuando as desigualdades entre homens e mulheres e as múltiplas interseccionalidades nesse espaço.

Foi somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres iniciaram o processo de transpor barreiras no esporte, com a participação nos Jogos Olímpicos Modernos (Goellner, 2005). Já nos JP, as mulheres estiveram presentes desde a primeira edição, embora de forma limitada (Filho; Frosi; Mazo, 2010). Logo após a Segunda Guerra Mundial, o esporte foi incorporado como parte crucial da reabilitação de veteranos/as lesionados/as, criando as condições de emergência dos Jogos Paralímpicos (Hilgemberg, 2019). Os primeiros Stoke Mandeville Games ocorreram em 1948, envolvendo 16 atletas, 14

homens e 2 mulheres (Tonon, 2021), marcando o início de um evento anual que cresceu em participação ao longo dos anos. Em 1949, os jogos passam a aspirar a internacionalização, visando alcançar a fama dos Jogos Olímpicos, resultando no renomeamento para Jogos Paralímpicos em 1964 (Hilgemberg, 2019). Apenas em 1976 a delegação brasileira contou pela primeira vez com 2 paratletas nos JP (Filho; Frosi; Mazo, 2010). Nas últimas Paralimpíadas, em Tóquio 2021, 95 mulheres fizeram parte da equipe brasileira e foram responsáveis por 29 medalhas (CPB, 2021b).

Por mais que as mulheres com deficiência estejam rompendo barreiras e revolucionando os JP, a mídia ainda tende a invisibilizar a participação delas no esporte. As mulheres com deficiência são mais retratadas em modalidades individuais e os homens com deficiência nos esportes coletivos, refletindo a caracterização comum de esportes individuais como femininos e esportes coletivos como mais masculinos (Lee, 2013). Outra pesquisa realizada nas manchetes publicadas em um portal de notícias brasileiro durante os JP de Tóquio 2021 mostrou que 55% das reportagens representavam atletas homens, no texto, na foto ou em ambos e, apenas 32% retratavam as mulheres. Em 10% das chamadas tratavam de homens e mulheres e em 9% não foi possível identificar o/a atleta (Hilgemberg, 2022). Além disso, um estudo analisou a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre a forma com que eles/as são retratados/as pela mídia. Os resultados sugerem que a mídia deveria visibilizar mais as trajetórias esportivas e suas batalhas no esporte do que as suas supostas tristes histórias de vida, auxiliando no combate a preconceitos e estereótipos associados à deficiência (Oliveira; Poffo; Souza, 2018).

Por fim, ampliar a representação e reconhecimento das mulheres atletas neste contexto não apenas preenche lacunas, mas também resguarda a rica história do esporte paralímpico brasileiro (Sanchotene; Oliveira, 2020). Dar voz e visibilidade a essas mulheres não só celebra suas conquistas individuais, mas também contribui para a construção de uma narrativa inclusiva e diversificada, destacando a posição central que ocupam no desenvolvimento e avanço do esporte adaptado no país.

2.3 A disciplina de Projeto de Vida no Ensino Médio

A disciplina Projeto de Vida ganhou destaque após a introdução do Novo Ensino Médio (NEM) a partir da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Brasil, 2017). Uma leitura crítica dessa proposta evidencia que uma visão neoliberal da educação constitui essa proposta de

ensino, que é regido pela lógica de mercado e visa organizar a sociedade, as instituições e as pessoas sob uma racionalidade empresarial (Jakimiu, 2022). Nesse contexto, o espaço escolar foi gradualmente mudando de perfil, articulando-se com noções como protagonismo juvenil, projetos de vida, educação integral, competências socioemocionais e empreendedorismo, além de uma proliferação de tecnologias pedagógicas individualizantes que visam a capitalização das trajetórias dos/as estudantes (Silva; Estormovski, 2023).

O NEM possibilita aos/as alunos/as um protagonismo em seu processo educacional, já que o/a estudante opta pela linha de conhecimento que deseja se aprofundar dentro das diferentes áreas de conhecimento. Isso se deu por um currículo baseado na análise feita pelos/as próprios/as alunos/as sobre quais habilidades possuem e, a partir disso, direcionam seus estudos, selecionando o que fará mais sentido para seu futuro. Toda essa junção de teoria e prática foi nomeada projeto de vida (Rodrigues; Cunha; Manske, 2023; Brasil, 2017). Contudo, imbricado nesse discurso emerge um NEM que retoma a perspectiva dualista que historicamente marcou esta etapa da educação, destinando formação propedêutica para as elites e formação técnica para a classe trabalhadora, fundamentada nos discursos meritocráticos, como se o futuro dos/as estudantes só dependesse deles/as mesmos/as, sem noção de classe social, de direitos e de um Estado provedor. A escola deixa de ser um espaço de formação crítica e passa a preparar os sujeitos para o mercado de trabalho (Jakimiu, 2022).

Na prática, a disciplina Projeto de Vida orienta os/as alunos/as a perceberem suas fragilidades e refletirem sobre suas vocações, a fim de realizarem seus sonhos, reconhecendo o ser humano como sujeito do seu destino (Andrade; Teixeira, 2022). Isso se dá através de diferentes práticas didático-pedagógicas capazes de auxiliar na construção de identidades e nos possíveis direcionamentos para a vida pessoal e profissional nessa fase particular do ser humano: a juventude (Araújo; Rufo, 2023).

Apesar de ser complexo o/a jovem traçar um projeto de vida devido às inúmeras impossibilidades e interseccionalidades que constituem os sujeitos, é fundamental trabalhar esse tema na escola de uma forma que os/as alunos/as reflitam sobre o seu futuro, evitando resumir-lo apenas à escolha profissional, mas dando voz a outras vertentes que ampliem suas possibilidades de ser e estar no mundo (Santos; Gontijo, 2020). Essa perspectiva ancorou a experiência educativa aqui relatada. Um estudo de caso realizado em três escolas do estado do Alagoas, com o objetivo de conhecer as estratégias em relação à construção dos projetos

de vida estudantil, sugere que falas com profissionais de diversas áreas contribuem para a construção dos projetos pessoais de alguns/mas jovens. Essas atividades significativas possibilitam um engajamento maior dos/as alunos/as nas atividades (Armijo; Lima, 2021). A partir disso, notamos a importância de levar nossa proposta de oficina às escolas, já que com as biografias narradas nos *storytelling* os/as alunos/as têm a oportunidade de refletir, questionar e compartilhar suas vidas em diálogo com as vidas das paratletas.

Consideramos levar um olhar crítico do pós-Ensino Médio para os/as estudantes, para que eles/as considerem pertencer a espaços que não foram pensados para eles/as, assim como o esporte não foi pensado para as mulheres com e sem deficiência (Goellner, 2016). Este enfoque não apenas destaca as disparidades existentes, mas também ressalta a importância de reconhecer as habilidades dos indivíduos levando em consideração as condições em que vivem. Ao adotar uma perspectiva inclusiva e crítica, a escola desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos/ãs conscientes, capazes de desafiar normas e contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa e justa.

3. Caminhos metodológicos

Para desenvolver a experiência educacional, primeiramente realizamos uma extensa busca em documentos oficiais do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) com o objetivo de identificar as atletas que em algum momento dos JP conquistaram medalhas de ouro, prata ou bronze. Além disso, buscamos identificar aquelas que foram protagonistas em suas modalidades no Brasil, tornando-se símbolo de força e resistência de cada esporte paralímpico. Constatamos que esses dados não estão organizados e/ou disponíveis para acesso público, pois além dos documentos emitidos pelo CPB, também recorremos aos Centros de Memória do Esporte de universidades federais, aos anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e ao portal de periódicos da Capes, com a finalidade de reunir artigos, trabalhos acadêmicos, teses e dissertações que apresentassem as paratletas brasileiras que foram protagonistas de suas modalidades esportivas. Lamentavelmente, nos deparamos com a ausência dessas brasileiras no campo esportivo e acadêmico, inclusive as medalhistas não são retratadas nesses trabalhos e os escassos registros encontrados apresentavam lacunas e inconsistências nos excertos biográficos encontrados.

Ampliamos as nossas buscas recorrendo aos artefatos culturais. Especificamente, investigamos blogs, sites, notícias divulgadas na internet, vídeos postados no YouTube e, por

fim, acessamos as redes sociais (Instagram e Facebook) das paratletas. Após esse meticuloso e árduo trabalho, chegamos a uma lista com 52 mulheres que conquistaram medalhas nos JP, compreendendo o período entre 1996 a 2021. Ao final, listamos 18 atletas que além de terem conquistado medalhas nas Paralimpíadas, também faziam jus ao título de protagonistas de suas modalidades, por conta de suas histórias de vida (Tabela 1).

Tabela 1 - Paratletas brasileiras e suas respectivas medalhas

Paratleta	Modalidade	Medalhas		
Ádria Dos Santos	Atletismo	Ouro 2000	Prata 2004	
		Ouro 2000	Prata 2004	
		Ouro 2004		
Roseane Dos Santos	Atletismo	Ouro 2000		
		Ouro 2000		
Fabiana Sugimori	Natação	Ouro 2000		
		Ouro 2004		
Edênia Garcia	Natação		Prata 2004	Bronze 2008
			Prata 2012	
Daniele Bernardes	Judô			Bronze 2004
				Bronze 2008
				Bronze 2012
Terezinha Aparecida Guilhermina	Atletismo	Ouro 2008	Prata 2008	Bronze 2004
		Ouro 2012		Bronze 2008
		Ouro 2012		
Jerusa Geber Dos Santos	Atletismo		Prata 2012	Bronze 2008
			Prata 2012	Bronze 2021
Shirlene Coelho	Atletismo	Ouro 2012	Prata 2008	
		Ouro 2016	Prata 2016	
Lúcia Da Silva Teixeira Araújo	Judô		Prata 2012	Bronze 2021
			Prata 2016	
Joana Neves	Natação		Prata 2016	Bronze 2012
			Prata 2016	Bronze 2016
				Bronze 2021
Verônica Hipólito	Atletismo		Prata 2016	Bronze 2016
Evelyn De Oliveira	Bocha	Ouro 2016		
Evani Soares Da Silva Calado	Bocha	Ouro 2016		

Visibilizando biografias de atletas paralímpicas na disciplina de projeto de vida

Silvânia Costa	Atletismo	Ouro 2016	Prata 2016	
		Ouro 2021		
Maria Carolina Santiago	Natação	Ouro 2021	Prata 2021	Bronze 2021
		Ouro 2021		
		Ouro 2021		
Mariana D'andrea	Halterofilismo	Ouro 2021		
Alana Maldonado	Judô	Ouro 2021		
Beth Gomes	Atletismo	Ouro 2021		

Fonte: Próprias autoras (2021).

De posse desses documentos impressos ou em vídeo, tal como artesãs, cotejamos e avaliamos cada registro, analisando datas, acontecimentos, resultados e adversidades, mergulhando nos recortes capturados da vida das paratletas brasileiras. A partir desse material, produzimos *storytelling* que narram as jornadas das medalhistas e/ou protagonistas dos JP.

O *storytelling* é o ato de explorar e empregar diferentes mídias e tecnologias digitais para criar e contar histórias. Acredita-se que desenvolver e comunicar informações por meio de histórias aumenta a compreensão do conteúdo ao estimular percepções e competências visuais, sonoras, cognitivas, orais e criativas, o que potencializa a experiência de construção de sentido tanto para autores/as quanto para espectadores/as de uma história (Garcia; Aires, 2021). Como método didático, ele promove uma aprendizagem mais colaborativa, significativa e humanizada, com o potencial de enriquecer discussões e tornar conteúdos abstratos ou conceitos mais acessíveis, auxiliando em um dos principais desafios da educação na contemporaneidade: pedagogias que sigam os avanços tecnológicos da sociedade (Souza; Rodrigues; 2022). Diante disso, entendemos que o *storytelling* se tornou uma ferramenta poderosa para dar visibilidade às mulheres com deficiência no esporte, uma vez que são duplamente prejudicadas pelos discursos dominantes, pois, como mulheres paratletas, são marginalizadas tanto pela sociedade patriarcal quanto pela sociedade que promove uma norma corporal idealizada.

Assim, os *storytelling* foram produzidos a partir de um roteiro fabricado em três atos (Oliveira, 2022), como vemos a seguir: 1) o início da jornada apresenta o contexto, os hábitos e as necessidades das personagens, onde destacamos a infância e o início das carreiras esportivas das atletas; 2) a trajetória enfatiza a evolução das personagens e destaca o alvo a

que pretendem chegar, aqui apresentamos as experiências esportivas das mulheres atletas; 3) e, por último, a resolução, o clímax das histórias, onde evidenciamos as vitórias nos JP e as atividades atuais, seja como atletas em contínua atuação ou a transição para outras áreas. Ao final, elaboramos 18 *storytelling*, com duração entre 3 e 5 minutos cada, tomando o cuidado de produzir o conteúdo audiovisual com acessibilidade, ou seja, todos são acompanhados de narração e legendas e estão hospedados no YouTube no perfil do Grupo de Estudos em Diversidade Corpo e Gênero (GEDCG)ⁱ.

Primeiramente, aprovamos o projeto no Comitê de Ética da universidadeⁱⁱ, para desenvolvê-lo, solicitamos a permissão da Coordenadoria de Educação da região e, com a anuência em mãos, contactamos as equipes diretivas das escolas para verificar o interesse e a disponibilidade para receber a experiência educativa. Assim, selecionamos cinco escolas estaduais de uma cidade do Rio Grande do Sul, onde 200 alunos/as do 1º ano do Ensino Médio matriculados/as na disciplina Projeto de Vida foram contemplados/as com o projeto, cuja metodologia respondia ao seguinte protocolo: 1) reunir os/as estudantes da turma específica em horário da disciplina Projeto de Vida, combinado antecipadamente com o/a professora/a responsável; 2) introduzir a temática questionando sobre as características da disciplina; 3) apresentar 3 ou 4 vídeos para a turma para desencadear o debate; 3) conduzir uma roda de conversa para ouvir os/as estudantes sobre suas percepções acerca das biografias das paratletas, estimulando reflexões sobre as trajetórias; 4) concluir a experiência educativa respondendo questionamentos sobre a continuação dos estudos em universidades públicas, enfatizando que as identidades de gênero não sejam tomados como marcadores limitadores dos seus projetos de vida.

4. Desenvolvimento e resultados da experiência educativa

As escolas disponibilizaram auditórios e/ou sala de aula para a realização da experiência educativa, cujo período consista em uma aula para cada turma. Assim, tínhamos de 45 minutos até 1 hora para apresentarmos nosso projeto. A abordagem inicial consistia em indagar os/as alunos/as sobre a disciplina Projeto de Vida, se eles/as tinham ciência do objetivo dela na escola e o que tinham aprendido até ali. Percebemos que as escolas não estavam caminhando juntas para alcançar os objetivos da disciplina, visto que em algumas escolas os/as estudantes tinham clareza do que iam alcançar com a disciplina, enquanto em outras os caminhos ainda não estavam bem traçados. Essas discrepâncias aconteciam porque os/as

professores/as que ministram as aulas possuem formações diversas e, por vezes, não recebiam formação continuada que os/as capacitasse para lidar com os temas abordados na disciplina. Em algumas escolas, os/as estudantes já haviam conversado com psicólogos/as sobre possíveis vocações; em outras, os/as professores/as apresentavam filmes para estimular os/as alunos/as a refletirem sobre a questão ou propunham atividades em que os/as estudantes tinham a possibilidade de expor seus sonhos e projetos pessoais e profissionais.

A partir das respostas dos/as estudantes sobre suas experiências com a disciplina até aquele momento, apresentamos o entendimento Base Nacional Comum Curricular acerca da disciplina Projeto de Vida (2018, p. 472), conforme consta: “auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida”.

Após isso, questionamos os/as estudantes sobre as suas perspectivas após o Ensino Médio, ou seja, quais eram os seus projetos de vida. Obtivemos respostas diversas que giravam em torno de ser psicóloga, jogador de futebol, médico/a veterinário/a, pedagoga, seguir na carreira militar, fazer algum curso relacionado a área rural, entre outras. Porém, destacamos que muitos/as alunos/as não aspiravam, até o momento, ingressar em um curso de nível superior após concluírem o Ensino Médio, mesmo considerando a presença de uma universidade pública na cidade. Então, apresentamos os cursos de Graduação e Técnicos Pós Ensino Médio que estão disponíveis nessa instituição, a fim de encorajá-los/as a considerarem essa possibilidade.

Em seguida, mostramos entre 3 ou 4 *storytelling* sobre a trajetória esportiva e pessoal das atletas protagonistas e/ou medalhistas dos JP na expectativa de ampliar reflexões. Buscamos que, para além da profissão, os/as jovens considerassem as singularidades que moldaram as trajetórias dessas atletas, proporcionando inspiração para que possam refletir sobre seus identidades e projetos de vida. A grande maioria dos/as estudantes foi capturada pelas biografias das atletas, e notamos que não estavam familiarizados/as com essa parcela de mulheres que muito faz pelo esporte no país e fora dele. Entre os/as 200 estudantes que participaram da experiência educativa nas 5 escolas, apenas 3 alunos/as mencionaram conhecer pelo menos uma paratleta, citando Ádria dos Santos, Alana Maldonado e Terezinha Guilhermina. Tais resultados indicam o apagamento e o silenciamento acentuado na

cobertura esportiva midiática acerca das atletas com deficiência, o que dificulta o seu empoderamento (Hilgemberg, 2022) e representatividade na sociedade brasileira.

Os *storytelling* apresentados, revelaram que a vida dessas mulheres atletas foi constituída na transposição de muitos obstáculos, não apenas pela dupla desvantagem de serem mulheres com deficiência, mas também no enfrentamento ao preconceito, nas dificuldades vividas ainda na infância e adolescência, as limitações impostas pela classe social desfavorecida, o desafio da maternidade, a conciliação entre treinos e trabalho, a falta de investimento no esporte, a invisibilidade dos seus resultados, as ameaças da pandemia da COVID-19, o agravamento de doenças, as alterações nas condições físicas e até a depressão que algumas que enfrentaram ao longo de suas vidas. Ao mesmo tempo, as biografias evidenciavam a força das mulheres no esporte, a rede de apoio familiar, o pioneirismo delas no paradesporto, a quebra de recordes nas modalidades que praticam, e o ganho de medalhas de ouro, prata ou bronze nos JP, Jogos Parapan-Americanos e Campeonatos Mundiais e Nacionais. Em suma, o material evidenciava vidas com as quais qualquer estudante poderia se conectar, dialogar e encontrar inspiração para alçarem-se a novos voos em suas vidas.

Isso nos permitiu refletir coletivamente sobre as estratégias que as atletas colocaram em funcionamento para transporem os múltiplos obstáculos até alcançar as vitórias pretendidas no esporte e como essa superação influenciou os projetos de vida de cada um/a, como evidenciado nos trechos a seguir capturados nas manifestações dos/as estudantes:

Elas influenciam, nos mostram e nos incentivam a nunca desistir do que queremos, sonhamos e desejamos, mesmo com as dificuldades. Me sinto feliz, porque a maioria que vai para a área da agricultura geralmente são homens, mas me sinto muito feliz mesmo por que sigo mulheres no Instagram que me dão um incentivo para continuar o que eu quero pro meu futuro (Aluna 1).

Ajudam e inspiram, pois a gente vê que mesmo com todas as dificuldades da vida, tem como dar certo e tem como fazer acontecer só depende de nós mesmos (Aluno 1).

As histórias e dificuldades delas no esporte podem inspirar as outras pessoas a não desistirem, pois elas não desistiram, mesmo com as dificuldades e hoje elas estão onde estão (Aluna 2).

Essas histórias me fazem pensar no que eu tenho potencial, e faz eu pensar em não desistir, mesmo que as coisas não sejam fáceis se eu tenho um sonho e não devo desistir dele (Aluna 6).

Eu que gosto bastante de esporte, amo me exercitar, me ajudou a ter um incentivo em praticar o que eu gosto. O esporte sempre me fez bem, mesmo que seja uma coisa simples, e com isso eu também ganhei incentivo pra vida (Aluna 7).

Que mesmo que tenha algum problema financeiro ou alguns preconceitos, a gente não pode desistir de continuar com o que queremos para a vida. Isso me incentivou porque eu também jogava futebol, não só na escola, e eu era muito boa, todos sempre me chamavam, depois de um tempo parei de treinar e jogar então fiquei ruim e começaram a não me chamar e dizer que meninas não jogam futebol, então eu gostei de saber que posso continuar jogando mesmo com os preconceitos (Aluna 8).

Essas histórias trazem, que independentemente de como você é ou de onde você vem, o que importa é a sua vontade e o seu potencial. Posso seguir feliz sabendo que o céu é o limite e tudo depende da minha vontade de seguir (Aluno 6).

Nessa esteira de fragmentos, percebemos que o reconhecimento das potencialidades dessas mulheres produz uma identificação com a atleta paralímpica que é alçada a símbolo de inspiração e pode contribuir para que outras pessoas e atletas com deficiência sintam-se influenciados/as a seguirem seus caminhos e alcancem um status semelhante de reconhecimento. Assim, esse contato com pessoas com deficiência, mesmo sendo virtual, contribui para a diminuição de preconceitos (Silva et al., 2022).

Durante a apresentação do material, além de enfatizar a realidade enfrentada pelas mulheres com deficiência no cenário esportivo, também denunciemos a invisibilidade que marca seus feitos esportivos e a escassez de apoio financeiro nesse meio. É importante desconstruir a ideia de que as paratletas são apenas exemplos de superação por romperem barreiras enquanto pessoas com deficiência. Em vez disso, é crucial reconhecê-las como atletas incrivelmente talentosas, cujas conquistas vão muito além das limitações que enfrentam, desafiando não apenas suas próprias capacidades, mas também as barreiras sociais e culturais que encontram em seu trajeto esportivo (Gonçalves; Albino; Vaz, 2009).

Ao analisar as manifestações dos/as estudantes, notamos que o *storytelling* motivou-os/as a refletirem sobre o conhecimento adquirido, conectando-os/as com as suas experiências vividas. O uso dessa ferramenta no contexto escolar possibilita uma aprendizagem mais crítica e eficaz devido a conexão criada entre o conteúdo e as vivências dos/as alunos/as (Lal et al., 2015). Essa conexão foi testada em uma pesquisa onde a metade de uma turma da graduação recebeu o conteúdo por meio da técnica do *storytelling*,

enquanto a outra metade seguiu o método expositivo tradicional. Ao final do experimento, o grupo que utilizou o *storytelling* para a aprendizagem apresentou um desempenho superior ao outro (Lisboa et al., 2023).

Também testamos o potencial reflexivo do *storytelling* quando chamamos a atenção dos/as estudantes para mergulharem nas vidas das atletas biografadas quando mencionam que tiveram seu primeiro contato com a modalidade que praticam através da escola ou da faculdade e receberam um incentivo significativo de professores/as e treinadores/as para permanecerem nesse caminho. Como mostram os excertos das histórias a seguir:

Quando chegou a época de ingressar na faculdade, desistiu do Judô, pois o esporte não trazia renda. Em 2014, quando entrou no curso de Educação Física, foi incentivada por alguns professores e algumas professoras para tentar o esporte paralímpico, se arriscou no Atletismo e na Natação, porém não tinha talento. Depois soube que havia também a modalidade de Judô, participou do seu primeiro campeonato em Campo Grande, no final de 2014. Um mês depois, veio a convocação para a Seleção Brasileira (Storytelling Alana Maldonado - atleta de Judô).

Evani Soares conheceu um pouco da Bocha no primeiro ano do ensino médio, em 2007, através de um professor de Educação Física, a princípio não gostou muito, só praticou no improviso para ganhar nota. Dois anos depois, entrou na faculdade de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, e por incrível que pareça lá tinha um projeto de inclusão social através da Bocha, duas professoras do curso de Educação Física da faculdade a convidaram para jogar, ali, Evani foi só para conhecer mesmo, até porque, nunca tinha imaginado praticar um esporte, a mãe insistiu muito para ir outras vezes, até que acabou recebendo o convite de quem agora é seu atual técnico para continuar no esporte (Storytelling Evani Soares Calado - atleta de Bocha Paralímpica).

Esses recortes sugerem que o *storytelling* se apresenta como uma ferramenta culturalmente adequada para realizar estudos com grupos culturais minoritários, prometendo ser uma prática de pesquisa descolonizadora ao gerar conhecimento que não se limita à perspectiva dominante (Jager et al., 2017), uma vez que visibilizam experiências de vida que, geralmente, ocupam zonas de sombra na sociedade contemporânea. Em meio as conversas e reflexões, notamos que os/as estudantes se conectaram às histórias de vida das atletas, já que algumas das paratletas também frequentaram escolas públicas e/ou enfrentaram desafios semelhantes aos que eles/as enfrentam atualmente. Essa identificação produziu a percepção de que as atletas paralímpicas chegaram no topo de sua carreira após muitas lutas e vitórias, de modo que eles/as também podem considerar seus projetos de vida como possibilidades concretas.

5. Considerações Finais

Ao construirmos os *storytelling* destacamos a invisibilidade das mulheres com deficiência no esporte, visto que foi difícil encontrar conteúdo para produzir os vídeos. As buscas por imagens e entrevistas demandaram muito tempo. E mesmo nos dedicando a essa procura, percebemos quão escassa é essa temática tanto na pesquisa acadêmica quanto nos meios de busca comuns, como a internet. Também avançamos nas discussões acerca do esporte paralímpico, oferecendo novas perspectivas sobre esse fenômeno e destacando as trajetórias desafiadoras das mulheres em situação de dupla desvantagem. O que antes era considerado mera superação, agora é reinterpretado através da quebra de preconceitos e da valorização das paratletas de alto rendimento.

Essa experiência educacional evidenciou que os *storytelling* se mostraram um recurso pedagógico muito potente para inspirar os/as estudantes a transpor barreiras em suas vidas pessoais e profissionais, por meio de histórias apresentadas em formato audiovisual. Ao terem contato com essas histórias, os/as estudantes se conectam com a sociedade e identificam que os diferentes marcadores sociais não os/as impedem de projetarem um futuro para além de carreiras profissionais (Santos; Gontijo, 2020). Tal recurso revelou que os/as alunos/as se sentiram mais motivados/as na troca de conhecimentos, uma vez que essas narrativas despertaram sensações, emoções e prazeres (Oliveira, 2022). Muitos/as deles/as ampliaram suas perspectivas de mundo, questionando suas trajetórias, compartilhando dificuldades e possibilidades, percebendo suas posições de sujeito, cuja vidas são marcadas pela interseccionalidade.

Em suma, a identificação gerada pelo *storytelling* revela o potencial transformador dessa ferramenta, especialmente ao visibilizar histórias de vida marginalizadas. Ao conectarem-se com as experiências das paratletas, os/as estudantes não apenas se sentiram inspirados/as, mas também passaram a refletir sobre suas trajetórias e possibilidades futuras. A empatia e a reflexão crítica despertadas pelas narrativas ajudam a romper com preconceitos arraigados e promovem uma visão mais inclusiva e diversa. Além disso, o *storytelling* demonstrou ser uma estratégia eficaz para contextualizar o aprendizado, tornando-o mais significativo e relevante para os/as alunos/as. Portanto, a implementação de projetos educacionais que utilizem o *storytelling* pode contribuir significativamente para uma

educação mais crítica, inclusiva e transformadora, promovendo a construção de novos horizontes e projetos de vida entre os/as estudantes.

Referências

ABREU, Fabrício S. D.; PEDERIVA, Patrícia L. Vigotski e a educação inclusiva: a deficiência enquanto problema social. **Revista Cocar**, Belém, n. 19, p. 1-16, 2023.

ANDRADE, Mery Hellen S.; TEIXEIRA, Arilda Magna C. A disciplina Projeto de Vida no ensino médio e sua influência no acesso e na escolha do curso superior. **Competência**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, nov., 2022.

ARAÚJO, Gilvan C.; RUFO, Tiago F. Projeto de vida e educação básica: estabelecendo pontes entre etapas Ensino Fundamental e Ensino Médio. **Revista Exitus**, Santarém, v. 13, n.1, p. 01-24, 2023.

ARMÍJO, Pablo C.; LIMA, Marielza C. Escola pública e construção dos projetos de vida estudantil. **Revista de Estudios y Experiencias em Educación**, Concepción, v. 20, n. 42, p.17-32, 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BRASIL. Poder Legislativo. **Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera a Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 17 fev. 2017, Seção I, p.1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 02 nov. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 21.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CAMARGO, Wagner X.; ALTMANN, Helena. Deslocamentos políticos e de gênero no esporte. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 1-11, 2021.

COMITÊ Paralímpico Brasileiro. **Com maior participação feminina nos Jogos Paralímpicos, atletas apontam inclusão e legado após Tóquio**. São Paulo: CPB, 2021. Disponível em: <<https://cpb.org.br/noticias/com-maior-participacao-feminina-nos-jogos-paralimpicos-atletas-apontam-inclusao-e-legado-apos-toquio/>>. Acesso em: 17 out. 2023.

COMITÊ Paralímpico Brasileiro. **Guia de imprensa: Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020**. São Paulo: CPB, 2021b. Disponível em: <<https://cpb.org.br/wp-content/uploads/2023/06/GuiaImprensaJogosParalimpicosdeToquio2020.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FIGUEIREDO, Tatiane H. Gênero e Deficiência: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, jul./dez., p. 484-497, 2014.

FILHO, Brandel J. P. L.; FROSI, Tiago O.; MAZO, Janice Z. Jogos Paraolímpicos de Pequim 2008: reconstruindo a participação das atletas brasileiras. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande, v. 12, p. 64-80, 2010.

GARCIA, Jardel L.; AIRES, Maria L. Educação na era dos streamings: a construção de narrativas digitais como fator potencializador de aprendizagem. In.: DALAGO, Renan S.; ADORNO, Victória N. M.; COSTA, Cleriston R. J. (orgs.). **Aqui jaz o último ato: 3º Cine-Fórum da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**. 1. ed. Dourados: Selo Editorial Cine-Fórum UEMS, 2021, p. 524-535.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan./fev./mar., 2016.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.143-151, abr./jun., 2005.

GOELLNER, Silvana V.; JAEGER, Angelita A.; FIGUEIRA, Márcio L. M. Invisibilidade não significa ausência: imagens de mulheres em obras referenciais do skate e do fisiculturismo no Brasil. **Ex aequo: Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres**, Lisboa, n. 24, p.135-148, 2011.

GOMES, Ruthie B. et al. Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-14, 2019.

GOMES, Ruthie B.; LOPES, Paula H. Estudos feministas da deficiência: novas perspectivas e interseções. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero** [recurso eletrônico]: 13th. Women's Worlds, Florianópolis, UFSC, 2017, p. 1-12. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1496063344_ARQUIVO_trabalhocompletofazendogenero.pdf. Acesso em: 06 fev. 2024.

GONÇALVES, Gisele C.; ALBINO, Beatriz S.; VAZ, Alexandre F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano/2007. In: PIRES, Giovani de L. (org.). **"Observando" o Pan RIO/2007 na mídia**. 1. ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009, p.149-168.

HILGEMBERG, Tatiane. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-19, jan./jun., 2019.

HILGEMBERG, Tatiane. Os estudos feministas da deficiência e suas aproximações com a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos Tóquio/2020. **Cambiassu**, São Luís, v. 17, n. 30, jul./dez., p.255-271, 2022.

KRAHENBÜHL, Thatyane et al. A carreira esportiva de mulheres paralímpicas: o caso da seleção brasileira de voleibol sentado. **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-17, 2022.

JAGER, Adele et al. Digital Storytelling in Research: A Systematic Review. **The Qualitative Report**, Fort Lauderdale , v. 22, n. 10, p. 2548-2582, 2015.

JAKIMIU, Vanessa C. Projeto de Vida no currículo do Ensino Médio: A educação a serviço da Pedagogia do Mercado. **Revista Cocar**, Belém, v. 17, n. 35, p. 1-25, 2022.

LAL, Shalini; DONNELLY, Catherine; SHIN, Jennifer. Digital Storytelling: An Innovative Tool for Practice, Education, and Research. **Occupational Therapy In Health Care**, Greenville, v. 29, n. 1, p. 54-62, 2015.

LEE, Myung Ju. **Images of athletes with disabilities**: an analysis of photographs from the 2012 Paralympic Games. 2013. 200 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Alabama. Tuscaloosa, Alabama, 2013.

LISBOA, Paloma Fernandes et al. A aplicação do storytelling como metodologia de ensino superior. **Revista Gestão Universitária na América Latina**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p.74-87, 2023.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa B. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 59-93.

MAGNABOSCO, Molise B.; SOUZA, Leonardo L. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-11, 2019.

MELLO, Anahi Guedes. Artigo 6. Mulheres com deficiência. In: DIAS, Joelson et al. (orgs.). **Novos comentários à convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Secretaria de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2014a.

MELLO, Anahi Guedes; NUERNBERG, Adriano H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 635-655, set./dez., 2012.

MELLO, Anahi Guedes. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. 2014. 262 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2014b.

OLIVEIRA, Amanda P.; POFFO, Bianca N.; SOUZA, Doralice L. “É melhor ser super-herói do que ser a vítima”: um estudo sobre a percepção de atletas e ex-atletas com deficiência visual sobre a cobertura midiática. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1179-1190, out./dez., 2018.

OLIVEIRA, Ana P. S.; PAVÃO, Michelle R. Onde estão as mulheres dentro do público da educação especial? **Revista Cocar**, Belém, v. 18, n. 36, p.1-17, 2023.

OLIVEIRA, Layla G.; CIDREIRA, Renata P. Corpo-território, gênero e deficiência: experiências e atravessamentos na campanha #ÉCapacitismoQuando. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 11, n. 2, p. 266-294, 2023.

OLIVEIRA, Leandro W. **Por uma educação sensível: Storytelling no ensino da Física**. 2022. 62 f. Monografia (Curso de Física Licenciatura) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia - MG, 2022.

PIRES, Thula R. O. Por uma concepção amefricana de direitos humanos. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista hoje: práticas decoloniais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p.351-375.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. 4. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RODRIGUES, Eliane R.; CUNHA, Geremias D.; MANSKE, George S. Novo Ensino Médio: desafios e expectativas. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 7, n. 1, p. 1-18, 2023.

SANTOS, Kaliana S.; GONTIJO, Simone B. Ensino Médio e Projeto de Vida: possibilidades e desafios. **Revista Nova Paideia**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 19-34, 2020.

SANTOS, Luis Gustavo T. et al. Evolução histórica da participação do Brasil nos jogos paralímpicos de verão. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 18, n. 3, p. 438-448, 2022.

SANCHOTENE, Vitória C.; OLIVEIRA, Raquel V. Representações de mulheres atletas no voleibol sentado brasileiro. **Caminhos da História**, Montes Claros, v. 25, n. 1, p. 74-87, jan./jun., 2020.

SILVA, Francisco V.; MORAIS, Edvânia B. Reflexos Neoliberais: discursos sobre o trabalho em coleções didáticas de Projeto de Vida no Novo Ensino Médio. **Revista Momento – diálogos em educação**, Rio Grande, v. 31, n. 3, p. 298-316, set./dez., 2022.

SILVA, Leonardo P. et al. O anúncio da aposentadoria do paratleta Daniel Dias: uma análise dos comentários na rede social Instagram. **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, p. 1-21, jan./dez., 2022.

SILVA, Roberto R. D.; ESTOMORVSKI, Renata C. Projetos de vida e a fabricação de subjetividades monetizáveis: uma crítica curricular ao Novo Ensino Médio no Sul do Brasil. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 30, 2023.

SOUZA, Vanessa M.; RODRIGUES, Alessandra. Pesquisa e inovação responsáveis e narrativas digitais: promovendo reflexões sobre igualdade de gênero. **Sisyphus - Journal of Education**, Lisboa, v. 10, n. 3, p. 206-224, 2022.

TONON, Luciane M. Atletas paralímpicas brasileiras: esportes, ensaios e histórias. In: RUBIO, Katia (org.). **Mulheres e esporte no Brasil**: muitos papéis, uma única luta. 1. ed. São Paulo: Laços, 2021, p.89-100.

Notas

ⁱ Os *storytelling* foram publicados na plataforma YouTube e o acesso é possível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=m8ixDKVT0TM&list=PLpYHz5m5u7QyboLMPVZkG_9G5NPqxBwlj&ab_channel=GEDCGUFSM>.

ⁱⁱ O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o número 23081.015020/2021-61.

Sobre as autoras

Juliana Jungs de Almeida

Mestranda em Ciências do Movimento e Reabilitação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento e Reabilitação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Estudos em Diversidade, Corpo e Gênero (GEDCG - UFSM). Tem interesse na área de Educação Física escolar, com ênfase nas discussões de corpo, gênero e sexualidade. E-mail: juliana.jungs@acad.ufsm.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0768-1226>.

Tainara Rodrigues de Freitas

Bacharela em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria. Formada no ensino médio integrado pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense. Tem interesse na área da dança, atletismo, musculação, ginástica laboral, ginástica localizada, natação e treinamento funcional. E-mail: tainararodrigu13@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8436-7788>.

Angelita Alice Jaeger

Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). É professora associada IV, líder do Grupo de Pesquisa em Diversidade, Corpo e Gênero (GEDCG) e orientadora do PPG em Ciências do Movimento e Reabilitação da Universidade Federal de Santa Maria. Tem interesse nos temas: representações de corpo, relações de gênero e sexualidades nas diferentes práticas corporais e esportivas em diferentes contextos e na área das metodologias qualitativas e uso de inteligência artificial em pesquisas. E-mail: angelita@ufsm.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4998-1578>.

Recebido em: 06/02/2024

Aceito para publicação em: 24/05/2024